

Título do simpósio: Leituras, diálogos e conflitos: as relações no espaço
construído e imaginado entre Brasil, América e Europa

Coordenação: Profa. Dra. Silvana Rubino

Título do trabalho: São Paulo comunidade, São Paulo metrópole: a cidade de
Richard Morse

Autor: Ana Claudia Veiga de Castro

Titulação: Mestre em Estruturas Ambientais e Urbanas pela Faculdade de
Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, doutoranda na mesma
instituição.

Instituição: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São
Paulo

Resumo: O livro *Formação Histórica de São Paulo (de comunidade à metrópole)*, de Richard Morse, publicado a primeira vez em 1954 (Comissão do IV Centenário) e republicado em 1970 (Difel), é hoje considerado um clássico dos estudos urbanos que buscam na cultura uma chave explicativa. Quando apareceu, no bojo das comemorações da fundação de São Paulo, era um ensaio escrito por um jovem historiador norte-americano que pretendia dar conta da intensa mudança da cidade no último século, partindo justamente das transformações mentais, intelectuais, culturais que ali ocorreram. Richard Morse chega a São Paulo em setembro de 1947 e passa um ano pesquisando material para sua tese de doutorado defendida em Columbia (Nova York) em 1952. Seu trabalho conta a história da cidade a partir do momento em que ela notoriamente se transformou no sentido de deixar para trás a pacata vida dos tempos da colônia para se projetar como aquela que viria ser a principal cidade latino-americana. A perspectiva de uma inexorável marcha para o progresso, a partir do advento das ferrovias em decorrência da expansão das fronteiras agrícolas, já havia sido esboçada pelos memorialistas e viajantes que passaram pela cidade, reforçando a idéia de um *antes* e um *depois*. O caminho era explorado também nos estudos patrocinados pelo Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e mais tarde será incorporado, com nuances e mediações, pela historiografia posterior à criação da Universidade de São Paulo. Morse parte portanto de uma compreensão até certo ponto consagrada, mas, naqueles anos de autonomização dos campos disciplinares e de afirmação de saberes

específicos sobre a cidade, constrói um olhar particular. É a sua perspectiva, a partir dos diálogos estabelecidos com as ciências humanas, que o presente texto pretende explorar. Busca-se aqui pontuar os elementos que organizam a sua história da cidade – expressa no par comunidade-metrópole – em diálogo com o que se produzia sobre São Paulo e sobre cidade naqueles anos de novas e profundas transformações urbanas que caracterizariam a metropolização da cidade.

Palavras-chave: São Paulo – Richard Morse – metrópole

Abstract: Richard Morse's book *Formação Histórica de São Paulo (de comunidade à metrópole)*, first published in 1954 (*Comissão do IV Centenário*) and republished in 1970 (*Difel*), is considered nowadays a classic of urban studies which seek in culture an explanatory key. When it appeared, in the midst of the celebrations of the foundation of Sao Paulo, it was an essay written by a young American historian who wanted to investigate the intense change in the city's last century, from the mental, intellectual, and cultural transformations that took place there. Richard Morse arrived in Sao Paulo in September 1947 and spent a year researching material for his Ph.D dissertation in Columbia (New York), finished in 1952. His work tells the history of the city from the moment when it left behind the quiet life of colonial times to the moment it became the major city in Latin America. The perspective of an inexorable march to progress, from the advent of the railways due to the expansion of agricultural frontiers, had been drafted by the memorialists and travelers who passed through the city, reinforcing the idea of a *before* and *after*. The route was also exploited in studies sponsored by the Institute of History and Geography of Sao Paulo and further would be incorporated, with nuances and mediations, by history after the creation of the University of São Paulo. Morse therefore starts from a somewhat enshrined understanding, but in those years of autonomy of disciplinary fields and affirmation of specific knowledge about the city, he builds a particular look. It's his perspective, from the dialogue established with the humanities, which this article intends to explore. We seek to pinpoint the elements that organize his history of the city -expressed in the city-community pair- in dialogue with what was produced about Sao Paulo and about metropolises in those years of new and profound urban changes that would characterize the metropolization of Sao Paulo.

Key-words: Sao Paulo – Richard Morse – Metropolis

São Paulo comunidade, São Paulo metrópole: a cidade de Richard Morse¹

*Nenhum homem pensa a cidade completamente isolado; ele
forma uma imagem dela a partir de impressões herdadas de
sua cultura e transformadas por sua experiência.*

Carl Schorske, A cidade no pensamento europeu, 1979

Richard Morse (1922-1985) lança seu livro sobre São Paulo, *De comunidade a metrópole: a biografia de São Paulo*, nos anos 1950. O livro é resultado da sua tese de doutoramento defendida na Universidade de Columbia, para a qual o norte-americano passou um ano em São Paulo pesquisando². Sua vinda não pode ser compreendida sem que se dê atenção ao contexto de aproximação entre os Estados Unidos e a América Latina, em especial o Brasil, com a chamada Política de Boa Vizinhança do Presidente Roosevelt, que previa estreitar os laços entre os países, minimizando a influencia alemã no Continente³. Não é toa, portanto, que Morse obtém sua bolsa de

¹ O texto faz parte da pesquisa de doutorado desenvolvida na FAUUSP sob orientação da Profa. Dra. Ana Lanna e co-orientação do Prof. Dr. Adrián Gorelik (Universidad Nacional de Quilmes), no âmbito do Projeto Temático Fapesp São Paulo: os estrangeiros e a construção da cidade.

² Morse fica no Brasil de setembro de 1947 a dezembro de 1948. A tese apresentada em Columbia no início de 1952 receberia o título “São Paulo Under the Empire (1822-1889)”, tratando basicamente dos anos entre a Independência e a República, quando a cultura cafeeira começaria a impor transformações importantes à cidade, e consiste nas três primeiras partes do livro: Colonialismo e novos estimulantes, Surge a cidade-mente, Surge a cidade-organismo (que tanto na edição americana como na reedição de 1970 ganha o nome Crescimento da cidade/ The City Growth), cf. Morse, 1952, 1954, 1970 e 1958. Vale notar também que o que o historiador nomeou de Antecedentes na edição de 1970, parece ser baseado no trabalho desenvolvido como mestrado na mesma universidade – “São Paulo: The Early Years” – e apresentado em junho de 1947. Há os seguintes registros da frequência de Morse na Graduate School of Arts and Sciences of Columbia University: de 09/1946 – 08/1948; 02/1949 – 08/1949; finalizando a “graduação” com um M.A. em History em 03/06/1947 – devemos lembrar que ‘graduation’ corresponde à pós, sendo a tradução para graduação ‘undergraduation’. O título Doctor in Philosophy in the Faculty of Political Science (Ph.D.) seria obtido em 22/02/1952; cf. Office of the Registrar, Columbia University, New York.

³ Diz o próprio Morse a respeito: “(...) por este tempo se falava muito da influência alemã na América do Sul, na oportunidade da Política da Boa Vizinhança, na importância de se ampliar o mercado com a América Latina e reforçar relações diplomáticas... Toda esta agitação resultou em varias estratégias, e, entre elas, havia alguma articulação que envolvia diretamente o sistema universitário...” (MORSE apud MEHY, 1990, pp.142-3). Para uma perspectiva mais geral das diversas políticas de aproximação dos EUA com o Brasil, ver TOTA, 2000. A bibliografia norte-americana sobre o tema é extensa, ver entre outros,

estudos para viajar a São Paulo do próprio Departamento de Estado norte-americano. O país não media esforços para angariar conhecimentos sobre seus vizinhos, bem como também se mostrava interessado em divulgar a cultura norte-americana por aqui. Para tanto, convidaria diversos intelectuais brasileiros para conhecerem o país, como Erico Veríssimo, Vilanova Artigas ou Sergio Buarque de Holanda, que na volta, de uma forma ou de outra, ajudariam na divulgação da cultura norte-americana⁴. Além disso, seus produtos industrializados e um certo *American way of life* eram “oferecidos” por meio das propagandas em revistas e rádios, da divulgação da música norte-americana nas rádios, e do cinema, armas poderosas quando se fala em cultura de massas – ou seja, a cultura americana parecia começar a fazer parte da vida da cidade⁵. Ou, como dirá o próprio Morse em seu livro, com sua aguda e irônica percepção: “Their faster pace of life has caused an American complex of martinis, night

WOOD, 1961. Do ponto de vista acadêmico, os EUA demonstravam contínuo interesse pelo continente americano e desenvolveriam a partir do fim da Guerra uma política de aproximação acadêmica mais institucionalizada que vai se estabelecer com força nos anos 1960, posteriormente a Revolução cubana, numa perspectiva que juntava “luta” anticomunista, interesses nacionais e ativismo burocrático, segundo Haines (1989). Morse desempenhará um papel-chave nesse segundo momento, exercendo diversos cargos e funções entre os anos 1960 e 1970, como o de Charmain do Latin American Studies da Universidade de Yale (Box 6, Folder 13), membro do Comitê da American Association of University Press, auxiliando a definir quais livros latinoamericanos ou sobre o continente seriam editados em inglês (B5, F1), membro do American Foreign Interchange Program (B5, F6), partícipe da organização do Foreign Area Fellowship Program e do Latin American Teaching Fellowships (B6, F18), membro da organização do Fellowship for Graduate Study Abroad no International Office da Yale University (B6, F18), participa da criação da Latin American Studies Association (B6, F28) e ainda muitas outras atividades que promovem a cultura latinoamericana nos EUA e o intercâmbio de intelectuais, como atestam diversos documentos em seus arquivos (Cf. Richard M. Morse Papers, Manuscripts and Archives Library, Yale University).

⁴ Como de fato fizeram, se lembrarmos do livro *Gato preto em campo de neve* em 1941 de Erico Veríssimo, que relata suas atividades pela América, ou alguns artigos que Sergio dedica à “questão americana”, por exemplo “Considerações sobre o Americanismo”, publicado no *Jornal do Comercio* do Rio em 28 de setembro de 1941.

⁵ Para uma visão ampla da americanização dos modos de vida no Brasil nesses anos, ver MELO e NOVAES, 1998 e HAINES, 1989, sobretudo o capítulo Cultural relation and projecting a favorable American image, o qual apresenta todas as iniciativas culturais oficiais norte-americanas com o intuito de “americanizar” o Brasil a partir do fim da Guerra. Segundo este autor, convencido da sua posição de líder mundial e de sua superioridade cultural, o país, através de seus programas oficiais, não mediria esforços não apenas para promover a cultura norte-americana mas também para minimizar a influência européia, particularmente a francesa, que ainda dominaria a cultura brasileira, cf. HAINES, 1989, p.165.

clubs, cadillacs and sportive weekends to displace French affectations of the recent past” (MORSE, 1958).

É nesse clima portanto que o jovem norte-americano chega a São Paulo para pesquisar a evolução urbana da cidade, perguntando-se de que ordem era o fenômeno urbano ali encontrado: se da mesma natureza do crescimento de Chicago ou Nova York, ou se distinto (MORSE apud MEHY, 1990, p. 190). Diferentemente de um olhar de especialista que começava a se formar, ainda mais na Universidade norte-americana, que pretendia esquadrihar para conhecer⁶, o jovem Morse parecia disposto a fazer diferente. O fenômeno da urbanização da cidade teria que ser compreendido num largo arco temporal, e ainda por cima, não bastavam as explicações econômicas, com ênfase no surto cafeeiro que teria feito a cidade se transformar. Morse se afirmará posteriormente como um generalista, e assim sendo, recorria às fontes as mais variadas, dos jornais de época às cartas, dos documentos oficiais aos relatos de amigos, aliado a uma extensa pesquisa de documentação nos mais diversos arquivos e bibliotecas em São Paulo e também no Rio, e, mais que uma explicação da transformação urbana, pretendia falar da vida na cidade por meio de seus diversos aspectos, pois todos eles contribuíam, de seu ponto de vista, para que se compreendesse a evolução urbana⁷. Orientando do antropólogo austro-americano Frank Tannembaum (1893-1969) – ex-sindicalista autodidata, entusiasta da Revolução Zapatista no México, amigo e tradutor de Gilberto Freyre nos Estados Unidos e que se

⁶ A vinda de Morse e sua perspectiva de atuação tem que ser pensada no contexto anterior à Revolução cubana, como parte do imediato pós-Guerra, da luta contra o fascismo (Morse foi *mariner* no Pacífico), quando parece ter lugar uma certa utopia liberal – devo este alerta ao professor Arcádio Diaz-Quiñones (Cf. entrevista a autora, 17/10/2010). Embora seja nesse momento em que estão surgindo os estudos de área, os *area studies*, entre os quais o Latin American Studies – que começam a ser institucionalizados como um campo autônomo de conhecimento – só a partir de 1959 que se daria uma política mais “agressiva” de pesquisa e atuação acadêmica no continente, como a própria atuação de Morse em Yale mostra, como dissemos.

⁷ Isso não implicaria em falta de rigor. O que o norte-americano faz é juntar à pesquisa documental outros materiais supostamente menos importantes ou menos precisos, cuja interpretação supõe um certo “impressionismo”, como a literatura. O que é interessante notar é que este tipo de procedimento, ou um olhar para este tipo de material, só se tornará corrente no estudo da história das cidades mais para frente, a partir dos anos 1980, como já notou Gorelik (2004). E que, arriscamos dizer, parece ter a ver também com uma certa tradição mais ensaística brasileira, anterior à constituição da universidade, para a qual a literatura também tem um papel fundamental, e com a qual Morse logo terá afinidade.

dedicava a temas latino-americanos⁸ –, o aluno parece ter aprendido rápido a lição: para conhecer um lugar, nada melhor que conversar com quem é do local, experimentar a cidade, ler sua literatura, e nunca ficar apenas na produção dos *scholars* norte-americanos⁹.

Se a história da cidade escrita por Morse caminha para o destino da São Paulo metrópole, como tantas outras histórias de São Paulo desde o início do século 20¹⁰, há que se notar que, além da própria transformação da cidade, a discussão do que fazer com a metrópole iria se tornar em breve a bola da vez. Não apenas aqui, por conta mesmo da transformação que a cidade vivia, a partir do fenômeno da industrialização, da migração campo-cidade, e da urbanização intensa que começava a dar mostras de

⁸ Sua dedicação aos temas latinoamericanos é visível não apenas pelos vários livros que lançou (*The Mexican agrarian revolution*, 1930; *Ten Keys to Latin America*, 1962, para citar dois num largo arco temporal), mas pela organização por mais de 20 anos de seminários dedicados a América Latina (de 1944 a 1971), nos quais alguns dos mais proeminentes intelectuais, políticos e diplomatas do continente passaram – Flavio Motta, Octavio Ianni, Gilberto Freyre, José Luis Romero (Argentina), Luis Baralt (Cuba), Luis Oyarzun Pena (Chile), Andrés Iduarte (México), César Gongono Perea (Peru), Arturo Schaerer (Paraguai), Jesus Echeverri Duque (Colômbia), Eduardo Espinoza y Prieto (México), Valmore Rodriguez (Venezuela), Luís Marin (Porto Rico), José Figueres (Costa Rica), Antonio Goubaud Carrera (Guatemala), Ramon Villedas (Honduras), José Rivas Micud (Uruguai), Max Henríquez Ureña (República Dominicana), entre muitos outros, listados aqui apenas para mostrar a diversidade e o alcance geográfico, e no qual, vale notar, o próprio Morse apresenta o tema “Language and Civilization in Latin América” em 17 de março de 1955 – e para os quais eram convidados também os industriais americanos que pretendiam investir na América Latina, como mostram as cartas convite e as cartas de agradecimento em seus arquivos, cf. Box 20, Frank Tannemaum Papers, Rare Book and Manuscripts Library, Columbia University.

⁹ Sobre Tannemaun, ele mesmo um “resultado” do crescimento da América no início do século 20, e seus métodos “pouco ortodoxos” de pesquisa, ver MAIER e WEATHERHEAD, 1974: “For him, directed experience and personalities and friendship, rather than detached scholarly appraisal (although his did not disdain this as an intellectual activity), were the means by which understanding of a problem or a situation was obtained” ou ainda “personal friendships allowed him to other insights into a culture and they made the strangeness of an alien environment easier to cope with and ultimately to enjoy”, e, como continuam os autores, isso poderia ser obtido “by traversing the land, by seeking out the unnotable people, by eating the local foods and enduring other hardships and by making friends in a foreign locale” (pp. 27-29). Vale dizer, características notadas por Antonio Candido também no modo de “pesquisa” de Morse, cf. entrevista concedida à autora em 16/03/2010.

¹⁰ Penso aqui em toda a historiografia canônica produzida no contexto do IHGSP.

sua potência¹¹. Na própria Universidade de Columbia, onde Morse estudava e em seguida daria aulas, um par de anos depois e como comemoração do bicentenário da Universidade, era lançado o livro *The Metropolis in Modern Life*, organizado por Robert Fischer (que presidia as comemorações), uma espécie de balanço da vida nas metrópoles, por seus vários aspectos – instituições políticas, vantagens e desvantagens econômicas, propriedade privada, ciência e tecnologia, profissões, vida espiritual, e a busca da cidade ideal – reconhecendo que ainda que a maioria das pessoas vivesse predominantemente em áreas rurais, “a tendência para a urbanização estava crescendo rapidamente”, e que desta forma, o tema merecia o esforço da reflexão (FISCHER, 1955)¹². No entanto essa discussão – que nasce já em fins do 19, suscitada justamente pela metropolização das capitais industriais – surgia agora acompanhada da idéia de como manter, recuperar ou refazer a comunidade, ou o

¹¹ Se lembrarmos das discussões no campo do planejamento urbano que estavam no horizonte naqueles anos, uma mais adepta ao crescimento infinito e ao rodoviarismo, cujo ícone seria Prestes Maia, outra, defensora da contensão e da polinucleação, de um certo *regional planning*, preconizado por Anhaia Mello. Ou seja, discutia-se o destino da cidade, e os caminhos que a metrópole teria que tomar dali para frente. Mas vale dizer que no campo acadêmico, sobretudo na Arquitetura e Urbanismo, apenas com a institucionalização da pós-graduação esta discussão teria vez, como aponta Nestor Goulart Reis Filho (1992), ainda que não se possa esquecer que Anhaia Mello será o primeiro diretor da FAU e que Prestes Maia chega a dar aulas na Politécnica.

¹² O livro incluía trabalhos de “especialistas” da Grã-Bretanha, França e EUA. Escritos especialmente para a conferência, antes da mesma foram lidos pelos diversos participantes, que puderam ouvir comentários para seus trabalhos. A publicação incluía ainda uma introdução para cada parte, apresentando a discussão. Nas décadas seguintes, nos anos 1960 e 1970, uma série de livros e balanços sobre a discussão da metropolização aparece nos EUA, no campo da história urbana. Vale citar alguns, cujos títulos falam por si: *The emergence of metropolitan America 1915-1966*; *The concept of community. Readings with interpretation*; *A History of Urban America*; *The city in American history*; *American urbanization: a comparative history*; *Cities in American History*; *American Urban History: an interpretative reader with commentaries*; *The city in American life: a historical anthology*; *America Becomes Urban: the development of U.S. cities & towns, 1780-1890*. Ver, entre outros, o interessante “conversa com historiadores urbanos”: *The making of urban history* (STAVE, 1977), espécie de balanço do campo através de entrevistas. Nos anos 1940 e 1950, na verdade parece tratar-se ainda, como no Brasil, de uma discussão mais do campo do *city planning*. Vale dizer que Morse daria um curso de História da América Latina em Columbia até 1958 e apenas em Yale durante os anos 1960, ofereceria um curso de História das Cidades que mobilizou uma bibliografia de história urbana com uma perspectiva de história cultural, empregando a literatura além da produção mais acadêmica (cf. Box 7, Folders 11-16, Richard McGee Morse Papers, Manuscripts and Archives, Yale University).

ideal de uma comunidade perdida. Se no pós-II Guerra isso aparece com força, pelo menos no campo da arquitetura, se lembrarmos por exemplo que o crítico Sigfried Giedion lançava em 1956 o livro *Architektur und Gemeinschaft* reunindo diversos artigos seus produzidos nas duas décadas anteriores, entre os quais o famoso manifesto “Nine Points on Monumentality”, escrito ainda durante a Guerra em parceria com J. L. Sert e Fernand Léger, no qual esboçavam suas idéias para as cidades e para a arquitetura moderna dali para frente, e cujo sexto ponto preconizava que ao findar a Guerra ficaria patente a necessidade de se *buscar a vida comunal* dentro das cidades, aspecto que até então tinha sido descuidado pela arquitetura moderna (Cf. SERT, LÉGER e GIDEON, 1963; grifo meu); do ponto de vista da cidade não se pode esquecer que Lewis Mumford, já em seu livro de 1938, *Cultura das Cidades*, fazia uma história das cidades ocidentais para pontuar os pontos altos da comunidade. Nesse sentido, Morse não está só em suas especulações sobre a vida urbana, ainda que se deva sublinhar que o jovem historiador acerta no alvo muito precocemente em sua discussão ao buscar historiar a evolução urbana ao mesmo tempo em que se coloca em relação à cidade contemporânea – o que parece acontecer com mais frequência nas décadas seguintes.

Esse texto pretende discutir brevemente a idéia de comunidade e de metrópole que Morse usa em seu trabalho, relacionando-a com algumas das discussões então em curso naquele momento, por isso o recurso talvez excessivo às notas de rodapé. Não tem a pretensão de esgotar o assunto, antes, apontar possibilidades de caminhos que poderão ser trilhadas daqui em diante.

A comunidade como tema

Como se sabe, a sistematização mais importante sobre o par comunidade e sociedade foi aquela proposta por Ferdinand Tönnies no fim do século 19, no clássico *Gemeinschaft und Geselchaft*¹³. Morse, na edição em inglês de seu livro, deixa claro

¹³ O crítico inglês Raymond Williams, em seu livro *Key-Words*, recupera concisamente a “contribuição” de Tönnies para o *sentido moderno* do termo: “o contraste, expresso de modo crescente no século 19, entre as relações mais diretas, mais totais e portanto mais significativas de *comunidade* e as relações mais formais, mais abstratas e mais instrumentais de *Estado* ou *sociedade* em seu sentido moderno foi

que não está reeditando essa oposição, antes, discutindo os termos a partir de um caso particular, São Paulo. O norte-americano explica que o uso do termo “comunidade” em seu livro era para sugerir algumas características da vida em São Paulo por volta de 1822 – quando o Brasil se tornara independente de Portugal e momento escolhido como início para a história da cidade contada por ele. Entre as características da cidade estariam seu tamanho reduzido, seu relativo isolamento aliado a um certo “paroquialismo”, os caminhos pelos quais sua aparência física e a vida de seus habitantes refletiam a modesta economia de subsistência dos arredores, a importância das relações face-a-face e ainda, uma espécie de unidade espiritual em torno de uma mesma fé, compartilhando a mesma religião e os mesmo rituais (MORSE, 1958)¹⁴.

Mas o autor também diria que, “embora esses fatos contribuíssem para um certo ‘espírito de comunidade’, e um certo modo de vida cooperativo”, isso não levaria a se concluir que se seguia certos padrões de comunalistas que foram já estudados na sociologia como “*folk society*”, “solidariedade mecânica” ou “*Gemeinschaft*” (Morse, 1958, p. XXI). O norte-americano alertava para a presença de certas atitudes econômicas “predatórias”, alguma instabilidade nas relações entre as pessoas, um vasto território interior sem exploração e ainda, o contato com o mundo exterior, como fatores que minavam a idéia idílica da “comunidade” (Morse, 1958, p. XXI).

Já em seu mestrado apresentado em 1947, Morse discutia a idéia de comunidade para a São Paulo seiscentista, assim, no livro dos anos 1950, o historiador parece maturar uma abordagem parcialmente esboçada. Naquele primeiro trabalho vê-se como Morse se aproxima da história colonial de São Paulo, introjetando uma base histórica que se constituirá nos alicerces de seu doutorado¹⁵. Sobretudo no

formalizado de maneira decisiva por Tönnies (1887) como um contraste entre *Gemeinschaft* e *Gesellschaft*; [tanto que] esses termos ainda hoje são usados em outras línguas na forma original” (WILLIAMS, 2007).

¹⁴ Vale a pena notar: valores sistematizados por Tönnies no livro citado. A esse respeito ver o artigo “Comunidade” de Robert Nisbit (1977). Textos clássicos sobre o tema estão reunidos em MINAR e GREER, 1968.

¹⁵ Uma breve passada de olhos pela bibliografia empregada mostra como Morse se vale de toda uma literatura produzida no início do século 20 pelos “historiadores” paulistas (Alcântara Machado, Ellis Jr, Vampré, Taunay, e também Paulo Prado), ou compilada e editada nesses anos (Anchieta, Nóbrega, Frei Gaspar da Madre de Deus, Pedro Taques), ou ainda “clássicos” da história de São Paulo, como Capistrano de Abreu, mas sem incorporar uma produção mais contemporânea, como por exemplo os

capítulo 2, “The texture”, nas seções Economic Life, Community Life e Family life, Morse reconstrói a “vida urbana”, dentro das possibilidades do que seria urbano para a vila de Piratininga, vale dizer. Ali ele descreve o funcionamento da vida política, a economia de subsistência e as tentativas de se implantar culturas agrícolas, e já aponta uma das questões que voltaria no doutorado como uma das chaves de entendimento para o desenvolvimento de São Paulo: a espécie de autonomia de São Paulo em relação ao reino de Portugal, garantida pelo próprio isolamento físico, auxiliando nesse sentimento endógeno de comunidade. Não podemos deixar de lembrar que esse pretenso isolamento havia sido notado por outros historiadores – como por exemplo por Capistrano de Abreu, para citar apenas um menos “comprometido” com a “causa” paulista – que também tomara esse fator como um dos pontos importantes da constituição do *ethos* paulista, voltado para dentro, para o interior, e não para o Atlântico, na sua condição de posto avançado no sertão. Morse reconta a história paulista que havia sido de certa forma organizada pelos historiadores até ali, seguindo a idéia de que depois da “era das bandeiras”, viria uma espécie de era de decadência – o que ele explora no terceiro e último capítulo: “Dawn of a Heroic Era” (pp. 86-107). Essa também a visão compartilhada por Paulo Prado em *Paulística* (1926) e *Retrato do Brasil* (1929)¹⁶.

Outro ponto destacado por Morse, as restritivas regras da Câmara Municipal em relação ao controle da vida pública e cidadina: horários, normas de comportamento, posturas, tudo isso passava por ordenamentos da Câmara. Para Morse, esse um dos fatores que explicariam “the unity and the endurance of the early São Paulo community” (MORSE, 1947, p. 63). E ali o historiador aponta também outra característica que posteriormente será mobilizada para explicar a especificidade da

artigos de Sergio Buarque, diferentemente do que ocorreria no doutorado. Vale dizer que o mestrado é feito em Nova York, a partir da bibliografia existente e a Universidade de fato tinha a coleção completa da *Revista do IHGSP*.

¹⁶ Para citar apenas um nome, Paulo Prado é um dos adeptos da versão que vê no paulista “original” uma braveza de caráter que se perde com o fim das bandeiras e que só seria retomada pelos cafeicultores do século 19. Não por acaso, Capistrano torna-se “mestre” de Prado, já que o cearense foi um dos primeiros historiadores brasileiros que ressaltou a importância de estudar o sertão, as bandeiras, os caminhos e povoamentos, em contraposição aos estudos dos estabelecimentos litorâneos. Sobre Capistrano, ver NOVAIS, 2005, sobre Prado, ver CALIL, 2009. Ainda que se deva dizer que nesta dissertação Morse não cite diretamente Prado, embora o coloque na bibliografia.

cultura do café como atividade eminentemente urbana a despeito de ser uma cultura agrícola, o fato daquele grupo não ser uma comunidade rural *strictu sensu*:

São Paulo was not a rural society in the sense that the plantations areas of northern Brazil were. Nor was it by any stretch of the imagination an urban center like Mexico City or Lima. There were no large *latifúndios* and no city class of entrepreneurs and professional men. After São Paulo emerged from the travail of its founding, as it grew and took on a cohesion and character of its own, the inhabitants were able to expand the circle of their activity, with the basic fact of survival more reliably assured. The Paulista came to have both a house in the town and a small farm nearby (MORSE, 1947, p. 71).

E como essas propriedades ficavam próximas da cidade, para esse paulista sempre foi fácil alternar entre a agricultura e os negócios (*business*) –comerciais e políticos – desenvolvidos na cidade de São Paulo (MORSE, 1947, p. 72).

Não é demais lembrar também que a discussão de comunidade era levada a frente contemporaneamente na academia norte-americana na Universidade de Chicago – o que ficaria conhecido como Escola Sociológica de Chicago – que justamente estava trabalhando com a idéia da transformação das comunidades rurais em núcleos urbanizados, estudando as perdas de referência e desenraizamento que se davam nessa passagem, provocadas pela industrialização recente dos países da América Latina. O nome mais importante nessa discussão contemporaneamente a Morse sem dúvida foi o de Robert Redfield, que desenvolveu a teoria do *continuum folk-urbano* a partir do estudo de comunidades mexicanas, publicada em *Tepoztlan, a Mexican village: A study in folk life* (1930) e *Folk Cultures of the Yucatan* (1948)¹⁷. Morse estava atento a essa discussão, mas discordava da abordagem de Redfield, como deixa claro em seu livro, tendendo a se aproximar de outro antropólogo de Chicago, Oscar Lewis, que definiria o conceito de “cultura da pobreza”, trabalhando-o em *Urbanization Without Breakdown* (1952) e *Five families* (1959). Morse, entretanto, não quer fazer sociologia. Já no início da Introdução em seu livro diz:

¹⁷ Não se trata aqui de reinventar a roda, apenas pontuar algumas relações. Essa história já foi bem estudada e há extensa bibliografia discutindo a Escola de Chicago, a partir da contribuição pioneira de Robert Park e seu estudo *The city* (1925). Para uma visão sobre a relação da antropologia e da sociologia com as teorias de cidade, ver GORELIK, 2008.

“Importa indicar (...) que os ‘cientistas sociais’ (...) estão se interessando cada vez mais pela penetração do mundo industrial e urbano nas sociedades agrárias da América Latina. (...) A mais ambiciosa de todas essas contribuições é a investigação feita por Redfield.” (MORSE, 1954, p.13).

Mas na seqüência, apresenta os inconvenientes do “método Redfield” (se é que se pode chamá-lo assim) para um historiador, além de ressaltar uma espécie de “rigidez” às tais concepções. E lembra que seu livro trata “das origens e do crescimento de uma *cidade*”, diferente dos pequenos povoados rurais estudados pelos sociólogos. Ou seja, “nem a cidade de São Paulo de ontem nem a de hoje coincide com qualquer das quatro comunidades de Redfield (...) pois o deslocamento de São Paulo na direção da ‘heterogeneidade’ e da ‘desorganização cultural’ [termos de Redfield em suas análises] refletiu-se numa configuração de tradições, tendências e acontecimentos inteiramente diversa.” (MORSE, 1954, p.14).

Sua história da cidade reconhece essa bibliografia mas quer pensar de outra forma. Também quer lidar com as transformações urbanas, mas não pretende descrever um padrão de transformação – justamente, sua história se afasta de uma comparação às metrópoles americanas, ainda que este *background* esteja ali presente – e pretende entender a especificidade daquela cidade, a partir da observação de sua própria história, e dos elementos internos que definem uma certa urbanização. Portanto, não se trata de levar aquela comunidade estudada no mestrado para a metrópole desenhada no doutorado, ainda que isso ocorra de uma certa forma, mas se trata de reconstruir a vida na cidade e entender como essa transformação pode se dar, a partir de quais elementos, e se apoiando em que tipo de mudança e transformação, não apenas econômica mas também mental, intelectual e cultural.

A metrópole como tema

Já o termo “metrópole”, que poderia ser referido na clássica oposição como “sociedade”, para Morse trazia em si as sementes do que Splenger e depois Mumford chamaram de “megalópole”, ou seja, com uma conotação pejorativa para a idéia de crescimento intenso e caos que dali se avizinhava. A palavra era usada como a descrição de uma ordem urbana que rearranjava as relações não apenas da cidade

em si, mas de sua região: certos subúrbios passariam a ter funções especializadas, tributárias econômica e socialmente daquela cidade (MORSE, 1958, p. XXI).

De fato, Tönnies, ao trabalhar com o par comunidade-sociedade, pretendia sistematizar uma discussão própria de sua época – durante o primeiro ciclo de industrialização intensa das cidades européias – discussão essa que alimentava também as especulações de autores como Weber, Simmel, Durkheim, e outros que se tornariam os clássicos da sociologia. Mas a leitura que se fez de seu trabalho tendeu a vê-lo como um romântico que, de modo nostálgico, buscava retomar a comunidade num mundo modernizado e impessoal¹⁸. Seus estudos, entretanto, seriam posteriormente lidos pela Escola de Chicago e nos anos 1940 renderiam frutos para as pesquisas desses norte-americanos sobre as recentes sociedades industrializadas da América Latina, no que se chamou “estudos de comunidade”, como vimos brevemente acima. No Brasil, esses estudos teriam uma grande fortuna crítica. Incorporados pela Escola Livre de Sociologia e Política, dirigida a partir de 1939 pelo antropólogo norte-americano Donald Pierson, e pela Universidade de São Paulo, introduzidos na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras pelo sociólogo alemão Emílio Willems, traziam a “teoria da ecologia humana” e a idéia das “comunidades ecologicamente relevantes” para São Paulo como forma de abordagem para as diversas pesquisas que elaboravam e dirigiam¹⁹.

Morse reconhecia a importância destes estudos, alertando entretanto que eles privilegiavam o entendimento dos efeitos da industrialização e a conseqüente urbanização nas pequenas vilas e cidades, diferentemente de seu trabalho, que pretendia lidar com o crescimento de uma cidade pelo período de um século e meio pelo menos.

¹⁸ Não cabe aqui discordar dessa leitura nem discutir em profundidade os conceitos do pensador. A esse respeito, remeto à boa introdução à sua obra em MIRANDA, 1995.

¹⁹ Os objetos de análise dos estudos de comunidade em geral eram pequenas cidades do interior do estado, por exemplo: Cruz das Almas, estudada por Pierson (1951), Cunha, por Williens (1947), uma comunidade caiçara em Búzios, estudada por Gioconda Mussolini e Williens (1952), Guaratinguetá, por Lucilla Hermann (1948), ou comunidades amazônicas, estudadas por Charles Wagley (1947), entre outros trabalhos desenvolvidos na ELSP e na USP, a partir das teorias de Redfield, Burgess e outros. Cf. MAGNANI, 1992. A crítica maior que se fez a esses estudos é que eles desprezaram a história em suas análises, tomando o conceito de comunidade eventualmente para analisar unidades sociais mais amplas e complexas que as ditas “primitivas”, mas que não estariam integradas ainda à civilização industrial. Cf. JACKSON, 2002, p. 87.

Mas há que se diferenciar também sua tese, que termina em fins do 19, e a versão impressa em livro, em que se acrescenta a análise de um período posterior, justamente quando as sementes da metropolização seriam plantadas²⁰. O livro, tanto as versões em português (1954 e 1970), como a em inglês (1958), estendem sua análise para o momento em que está sendo escrito: fins dos anos 1940, início dos 1950, justamente o momento da metropolização de várias cidades latinoamericanas, entre as quais São Paulo não tem menor importância²¹.

Vale a pena explorar um pouco as idéias que aparecem na tese e que servem de base para sua construção posterior. A tese foca os anos em que a cidade começa a se transformar, “preparando-se” para receber a cultura cafeeira. Assim, se volta para as décadas anteriores ao *boom* cafeeiro e reconstrói uma espécie de mentalidade urbana que estaria se formando na cidade, ainda comunidade, mas que, como se viu, tinha algumas características que a impediam de ser vista assim apenas. O recorte temporal é dado pela Independência de Portugal e a proclamação da República. Mas as datas, localizadas em fatos políticos, não nos devem enganar, pois já aqui estavam traçados os caminhos que Morse levará adiante em seus trabalhos posteriores. O recurso à literatura e às fontes menos convencionais, a ênfase na literatura e na mentalidade urbana que se formava na cidade, uma mescla de argumentos que em espiral vão nos dando a noção do todo.

Assim, desde o primeiro capítulo, “Colonialism and New Stimulants (1820-1830)”, vemos como as três seções – The Shape of the City; The Life in the City; The Endowments from national Independence – constroem ao mesmo tempo a vida urbana em São Paulo, recorrendo a argumentos já trabalhados no mestrado, mas a fim de estabelecer o “clima” que vai permitir a cidade se transformar. Entretanto, a sua

²⁰ Vale notar que a idéia da década de 20 como o momento onde as sementes do Brasil moderno foram plantadas, que poderiam germinar apenas posteriormente a Revolução de 1930, do ponto de vista da cultura, é também usada por Antonio Candido no hoje clássico ensaio “A revolução de 1930 e a cultura”.

²¹ Já é ponto pacífico na bibliografia que a metropolização de São Paulo se dá entre os anos 1940 e 1960. A esse respeito ver FELDMAN, 2005. Quanto ao interesse norte-americano na industrialização dos países latino americanos, apenas como ilustração vale notar que não apenas nos seminários de Tannembaum a presença de empresários era constante, como ainda na atuação de Morse já nos anos 60 como professor em Yale há a troca de correspondência entre empresas e academia, solicitando indicações de técnicos formados na universidade para atuarem em suas filiais locais, ou para implantarem serviços na AL, como é o caso do requerimento da General Telephonic & Eletronics International, em 18/03/1970. Estes estariam mais aptos a atuar naqueles países, a partir de sua formação de especialista, (Cf. RMM Papers, M&AL, YU).

história não é teleológica e já no capítulo seguinte entramos num anticlímax – “The Suspensive Years (1830-1945)” –, quando o autor explora a Revolução de 1842 a partir do que ele chama de um certo “mal-estar colonial”, como se se vivesse naqueles anos um momento de indecisão quanto a que caminhos tomar.

O terceiro capítulo – “Romanticism (1845-1855)” – é o momento em que um personagem pode condensar uma época, numa espécie de protagonismo e interpretação ao mesmo tempo. Esse é o caso do poeta Álvares de Azevedo, que traz em si e em sua obra todos os termos da época, simbolizando a transformação que a vinda da Academia de Direito, a imprensa, e ainda uma certa incorporação político-institucional ao Estado nacional vão acarretar à cidade. O café chega à São Paulo, ainda dependente da mão-de-obra escrava, que justamente os estudantes de Direito terão um papel na libertação, e já se nota a abertura que a cidade viverá em algumas décadas.

Mas mais uma vez, o argumento é construído por meio de tensões e o quarto capítulo – “Expectant Years (1855-1870)” – como o próprio título mostra, se volta para a exploração do clima de expectativa que se estabelece diante das possibilidades que começam a se abrir. E nessa transformação, a instalação da rede ferroviária não terá menor importância, possibilitando o encurtamento das distâncias, a modernização da economia cafeeira e o alcance as novas terras férteis do oeste paulista.

A tese termina com o capítulo “The Young Metropolis (1870-1890)”. Certo está que Morse não está dizendo que São Paulo é uma metrópole em 1890. Mas o que ele mostra é como ali estão todos os elementos que a tornarão metrópole: o espírito positivista, uma economia em franca expansão que se baseará numa nova mão-de-obra livre imigrante – que em poucos anos se constituirá na classe operária do início da industrialização e também num novo mercado consumidor –, a expansão da mancha urbana, decorrente desse novo fluxo populacional (tanto de imigrantes, quanto de ex-escravos e ainda dos novos cafeicultores capitalistas e toda a rede de negócios que esta atividade implicava) mas, também, os limites dessas transformações.

Quando a publica (tanto em português em 1954 quanto em inglês em 1958), Morse incorpora uma análise do período republicano, e ali sim ele pode descrever um processo de metropolização em germe, que ele nota na cidade na década de 1920 e para o qual o Modernismo fornece uma chave explicativa, a partir de Mario de Andrade

(como Azevedo no Romantismo)²². Essa relação entre modernismo e vida urbana é explorada tanto pela literatura, que se vale dos temas urbanos, como da vida na cidade, que pode gerar uma arte moderna. De novo, é um certo argumento em espiral, no qual cada parte analisada contribui para o entendimento do todo, mas não numa soma de partes, pois elas têm entre si uma ligação orgânica e funcionam, na economia do texto, como peças de um mesmo quebra-cabeça, ou partes do mesmo argumento.

A análise da década de 1920 é feita com o coração e os olhos nas décadas de 1940 e 1950, quando os problemas da metropolização começavam a ser notados, e, ao menos nos Estados Unidos, demandavam análises e ações. Morse não tem dúvidas em ver em São Paulo a possibilidade de um desenvolvimento distinto.

Para finalizar/ para continuar

As próprias coisas devem ser levadas a falar
Erich Auerbach, *Mimesis*, 1953

A discussão de *comunidade* e de *metrópole* proposta por Morse em seu livro sobre São Paulo parece ter muito mais a ver com o momento em que ela é gestada, empregando esses termos como balizas para o trabalho, e menos com tipos sociológicos estritos, ou modelos de análise. O que se pode notar é que seu estudo é tributário também das discussões sobre o crescimento das cidades e a nova ordem urbana que vinha se impondo²³, buscando contribuir a sua maneira para se pensar em como lidar com esse fenômeno, como se nota pela leitura do capítulo final do livro – aliás, de toda a parte final, acrescentada à tese –, onde, como dissemos acima, Morse apontava caminhos possíveis para o crescimento e a metropolização de São Paulo

²² Apenas para apontar dois caminhos, a idéia de estruturar a história de São Paulo com ênfase nesses dois momentos literários – Romantismo e Modernismo – muito tem a ver com as preocupações de Antonio Candido no mesmo período, tanto que o crítico – que, não é demasiado lembrar, também fazia um “estudo de comunidade”, mas à sua moda, sobre a região de Bofete – lançará em 1954, em comemoração ao IV Centenário da cidade o texto “A literatura na evolução de uma comunidade” (CANDIDO, 2000). Mas talvez também com o livro de Jacques Barzun, professor de história da cultura Morse em Princeton, lançado em 1943: *Romanticism and the modern ego* (BARZUN, 1961), que trata dessa passagem do Romantismo para o Modernismo através da análise de clássicos da literatura ocidental.

²³ Em outra oportunidade discutiremos a relação do trabalho de Morse com os estudos de intelectuais brasileiros, como Sergio Buarque e Antonio Candido, para ficar nos principais, sobre São Paulo.

que diferiam dos tomados nos países centrais, notadamente nos Estados Unidos. Pode ser arriscado dizer, mas parece que sua percepção da necessidade de se pensar algo distinto, um caminho novo para o desenvolvimento urbano, é algo que seria tematizado apenas nos anos posteriores com mais intensidade (se pensarmos nos diversos títulos norte-americanos já citados que discutem o crescimento das cidades). Mas vale a pena aqui, para ilustrar como essa “questão” começava a se fazer presente, citar um trecho do prefácio do volume *Concepts of Community* editado pela Universidade de Chicago em 1969, que, como não poderia deixar de ser, ainda que propusesse conceituar o tema se valendo de textos clássicos e propondo novas interpretações, não escapava de opô-lo à metrópole. Em certo momento do prefácio diz o organizador: “While we may learn from the historical instances available to us, we cannot simply extrapolate from them: *we shall to invent new styles of community*” (MINAR e GAER, 1969, p. XI, grifo meu). Ora, não era isso que Morse propunha ao analisar a evolução urbana de São Paulo? Buscar nas formas de interação paulista, novas formas para a comunidade metropolitana moderna? Morse, saindo de Nova York em fins dos anos 1940, de fato uma metrópole, pode pensar São Paulo, que queria ser metrópole, em termos “comunitários”. A sua “real” experiência metropolitana parece lhe permitir as especulações sobre a manutenção da comunidade em São Paulo. Para Morse, São Paulo era ainda uma comunidade (também no sentido de provinciana), e em termos intelectuais ele explicitamente a via assim, por isso sua intenção também era a de “tecer um fio condutor que marcasse o sentido de comunidade intelectual em diferentes situações históricas.”²⁴.

²⁴ Em depoimento posterior, o historiador se lembra como a ele, “um americano habituado ao formalismo e à distância entre a classe pensante norte-americana” lhe chamou a atenção o fato de que em São Paulo ele sempre pode “ter acesso a sociólogos, literatos, pintores: todo mundo se conhecia e eu podia ter contato com muitos deles”, pois “em Nova York isso não acontecia nunca”. Essa frase dá a dimensão do que era a “São Paulo metrópole” nos anos 1940.(Cf. MORSE apud MEHY, 1990). Vale notar que Carl Schorke, em seu conhecido estudo sobre Viena *fin-de-siècle*, aponta semelhante característica para aquela cidade, chamando a atenção para o fato de que em Londres, Paris ou Berlim isso não mais ocorrer no período. Nestas cidades – se pensadas como entidade cultural – “os intelectuais nos vários ramos da alta cultura, acadêmicos ou estetas, jornalistas ou literatos, políticos ou intelectuais, praticamente não se conheciam entre si”, já em Viena, ainda em 1900, “o salão e o café conservavam sua vitalidade como instituições onde vários tipos de intelectuais compartilhavam idéias e valores, e se misturavam a uma elite de profissionais liberais e homens de negócios, orgulhosos de sua cultura geral e artística” (SCHORSKE, 1990, p.22). Não pretendendo aqui uma comparação entre São Paulo e Viena,

Mas essa sua pretensa “precocidade” na discussão não dependeria apenas de sua própria experiência na cidade. Um nome fundamental para o historiador parece ter sido Lewis Mumford, como dissemos. O livro *A cultura das cidades* discutia em sua primeira metade a história das cidades ocidentais, mas reservava a outra metade para propor temas e formas de desenvolvimento urbano mais humanos. Ao longo do ciclo descrito por Mumford, a partir da cidade medieval – do início da idade Média – a qual apresentava as boas características da vida comunitária, tem-se a progressiva decadência da cidade, e na verdade, desta sociedade – o que coincide com o início do capitalismo – aliada a uma contínua desintegração do espírito comunitário, culminando, para ir diretamente ao ponto, nas características atuais (anos 1930) da vida urbana das grandes cidades:

“paisagens arruinadas, distritos urbanos desordenados, focos de doenças, trechos de desertos, milhas e milhas de cortiços padronizados, enxameando nas áreas que circundam as grandes cidades e se confundindo com seus subúrbios inúteis. Em resumo: malogro geral e a derrota do espírito civilizado” (MUMFORD, 1938, p. 18).

Ora, esse o cenário que em última instância Morse pretende que seja evitado em São Paulo. E para ele, havia ainda tempo e espaço, na medida em que a cidade ainda não se transformara numa “asphalt jungle” (MORSE, 1958). Portanto, sua descrição da evolução urbana era um livro de história interessado, que não pretendia se esgotar em si mesmo. Mas a coincidência entre ambos não era apenas no conteúdo de suas análises. Também na forma de fazê-lo parecem compartilhar idéias. Mumford, assim como Morse fará em diversas oportunidades, se autodescrevia como um “generalista” que se recusava a ceder aos impulsos de especialização que se tornavam mais e mais fortes, sobretudo a partir da segunda Guerra (WOJTOWICZ,

chamo atenção apenas para o fato da preocupação dos dois historiadores (contemporâneos, há que se lembrar) em buscar na identificação dessa comunidade intelectual, e para além dela, na cultura, a chave para os processos sociais de transformação da sociedade. Schorske, na Introdução de seu livro, retoma o ambiente universitário norte-americano de fins dos anos 1940 para localizar a gênese de suas hipóteses de trabalho, o que nos dá pistas para pensar também o trabalho de Morse, e de certo modo, sua “precocidade” na forma de pensar cidade.

1990)²⁵. E não sendo especialista, Mumford advogava a aproximação/apropriação da cidade pela própria experiência urbana: “os principais documentos sobre as cidades são, perante a própria cidade, secundários como documentos”, ou ainda, “só após a imersão geral no cenário urbano é que se deve tentar explorá-lo sistematicamente” (MUMFORD, 1963, p.519). Assim, Morse parece ter bons “conselheiros” para forjar seu estudo sobre a capital paulista.

Após sua “pesquisa de campo”, ou seja, após fazer amizades duradouras e mergulhar na cidade e em sua história, Morse retorna aos EUA, defende a tese e enquanto redige o novo capítulo, dá aulas na própria Columbia a convite de Tannembaum²⁶. Em seguida, dá cursos na Universidad de Puerto Rico²⁷, passa pelas universidades de Long Island e New York²⁸ e finalmente em 1963 vai para a prestigiosa Yale University²⁹. Nessa última, Morse dirige alguns programas de integração latino-americana, que, como seu orientador já fizera – e ainda o fazia – terão papel efetivo na relação entre os países do continente. Morse torna-se membro do Comitê das Presses Universitaires, imprimindo (literalmente) uma política de tradução de intelectuais latino-americanos, não apenas ligados às ciências sociais, mas ainda divulgando a literatura desses países, ajudando na penetração da cultura latino-americana para os não leitores de espanhol e português³⁰.

²⁵ Os primeiros escritos conhecidos de Mumford foram sobre o desenvolvimento metropolitano de Nova York, as novas construções e o planejamento urbano necessário para organizar a vida dessa grande cidade. Após uma breve interrupção durante a segunda Guerra, Mumford volta à ativa comentando também a cena arquitetônica internacional, o desenvolvimento e o planejamento urbano no pós-Guerra europeu e questões de preservação nos Estados Unidos.

²⁶ Cf. Box 19, FT Papers, RB&ML, CU e MORSE apud MEHY, 1990.

²⁷ Cf. depoimento de Alma Diaz-Quiñones à autora em 17/10/2010. Alma, norte-americana de origem porto-riquenha, foi aluna de Ciências Sociais de Morse num curso de História e Cultura na Universidad Libre de Puerto Rico, e lembra que em seu trabalho final de curso recebeu a nota acrescida do comentário: “a little bit bookish”, o que mostra como o jovem historiador pretendia seguir a lição de seu orientador e fazer o aluno pensar por si e arriscar mais, menos colado na bibliografia.

²⁸ Cf. Box 6, Folder 14, RMM Papers, M&A, YU.

²⁹ Cf. Box 7, RMM Papers, M&A, YU.

³⁰ Nos anos 1960 seriam traduzidos livros de Caio Prado Jr., Florestan Fernandes, Candido Mendes de Almeida, José Honório Rodrigues entre outros (para ficar apenas nos brasileiros), mas também alguma coisa de literatura, como Machado de Assis e Jorge Luis Borges. Na documentação de RM em Yale pode-se ver como há uma certa disputa em o que deve ou não ser publicado, pendendo Morse para a publicação de autores latino-americanos (em detrimento de europeus que estudaram os temas e que

Além disso, Richard Morse teria uma atuação importante na concessão de bolsas para norte-americanos interessados em ir para a América Latina, distribuindo *grants* e *fellowships*, atuando no conselho curador de diversas instituições. É interessante notar que todas as conhecidas fundações norteamericanas (como Rockefeller, Guggenheim ou Ford) têm nesses anos programas para levar *scholars* para a América Latina (e não só, deve-se dizer, para o mundo todo), mas ainda instituições menores, como alguns fundos de caridade, fazendo jus à conhecida tradição norte-americana de patrocínio privado às atividades públicas, também abrem seus próprios programas de bolsas e incentivos. Além disso, para mostrar que o país não brinca em serviço, o próprio Estado mantém programas que enviam alunos para pesquisarem os diversos países do mundo, como os US Government Grants For Graduate Studies Abroad, o Social Science Research Council ou o American Field Service (“an open door to understanding and friendship”) e ainda parcerias com a Unión Pan-Americana e a Cepal, organismos ligados às Nações Unidas, e com as universidades locais³¹.

Ao mesmo tempo, como professor de História em Yale, o historiador oferecia cursos sobre História latinoamericana, estudando a vida urbana, nos quais mobilizava uma bibliografia que bem ou mal fora fundamental para a feitura de seu livro. Suas preocupações com um entendimento menos de especialista e mais amplo do ponto de vista da cultura mostra-se fundamental na composição dos cursos e disciplinas que daria em Yale, nos quais mescla os clássicos da história e da sociologia contemporânea com a produção acadêmica dos países em estudo bem como a literatura dos mesmos. Assim, não é estranho haver na bibliografia de seus cursos Redfield, Freyre e Machado de Assis; Simmel, Romero e Borges, e assim por diante, pois a abordagem é compreensiva, não especialista. A intenção era formar alunos que dessem conta dos problemas e da cultura latinoamericana, que não se colocassem como especialistas norte-americanos. Seu enfoque estava muito mais em introduzir a

poderiam também contribuir para a discussão) e para a literatura, no lugar das chamadas ciências sociais. Mas o grosso das traduções é a produção acadêmica e não a literária, como se vê nos relatórios de projetos aprovados. Cf. Box 5, Folders 2-4, RMM Papers, M&A, YU.

³¹ Cf. diversos folders, RMM Papers, M&A, YU.

cultura local, o que daria as ferramentas para uma produção intelectual mais profunda³².

O que se pretendeu fazer neste texto foi tentar mapear minimamente o campo de constituição desses estudos sobre as sociedades urbanas latinoamericanas, e pontuar os pólos que organizam o trabalho de Morse sobre São Paulo – comunidade e metrópole – que, como se tentou mostrar, estavam e estarão dali para frente cada vez mais na ordem do dia nas discussões das formas de atuação nessas sociedades urbanas. Morse vai construindo o seu olhar no cruzamento entre a sua formação norte-americana e o que apreende de São Paulo, sua história, as artes e a literatura, e na sua própria experiência urbana lá e cá. Se a bibliografia norte-americana nos anos seguintes à tese acentua essa polarização comunidade–sociedade, parece ser a partir da sua própria experiência metropolitana novayorquina que o historiador pode propor essa espécie de história interessada. Vale a pena, portanto, aprofundarmos o entendimento sobre de que modo se deram os intercâmbios culturais, as trocas, os pontos de intersecção, releituras e inovações, convergências e afastamentos, nesse momento de encontros entre culturas e contextos urbanos e culturais diversos. Se buscamos, nessa mesa e no nosso trabalho, compreender a circulação de idéias pelo continente americano, e, em específico, pelo Brasil, revelando mobilizações, adaptações e transformações na cultura, no urbanismo e nas cidades, interessa destacar as permanências e oscilações de linguagens, discursos e temáticas. Ao observar a história de São Paulo escrita por Richard Morse podemos lançar luz para entendermos sincronicidades internacionais e processos de interlocução e transculturação de questões locais naqueles anos. Menos que concluir, creio ser importante reafirmar que o texto pretende abrir alguns caminhos de pesquisa para serem desenvolvidos daqui para frente.

³² Aqui vale uma ligeira “fuga” ao tema. Nota-se, lendo os documentos de seus arquivos, a proeminência de alunos norte-americanos em seus cursos, interessados na América Latina. Numa recente visita a Universidade de Princeton (outubro de 2010) – onde Morse fez sua graduação –, ao departamento de Espanhol e Português, notamos como a grande maioria dos alunos neste programa é de latino-americanos, que seguem cursos sobre a Literatura brasileira e hispânica em suas próprias línguas, com pouquíssimas exceções, o que nos pareceu bastante curioso. Um reflexo do atual desinteresse norte-americano pela temática?

Fontes e Referências bibliográficas

- RICHARD MCGEE PAPERS, Manuscripts & Archives Library, Yale University, New Haven.
- FRANK TANNENBAUM PAPERS, Rare Book & Manuscripts Library, Columbia University, New York.
- BARZUN, Jacques, *Classic, romantic and modern*. (1943) Chicago: University of Chicago Press, 1975.
- CALIL, Carlos Augusto Calil, "Paulo Prado, entre tradição e modernismo", in SCHWARCZ, Lília e BOTELHO, André (orgs), *Um enigma chamado Brasil*, São Paulo: Cia das Letras, 2009, pp. 132-43.
- CANDIDO, Antonio, "A Revolução de 1930 e a cultura" (1984) in *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.
- _____, "A literatura na evolução de uma comunidade" (1954) in *Literatura e Sociedade*, São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.
- FELDMAN, Sarah, *Planejamento e zoneamento. São Paulo, 1947-1972*. São Paulo: Edusp/ Fapesp, 2005.
- FISCHER, Robert Moore (ed.), *The Metropolis in Modern Life*, Columbia University (Bicentennial Conference Series). Garden City, New York: Doubleday & Co. Inc, 1955.
- GORELIK, Adrián, "Richard Morse y la 'ciudad latinoamericana': apogeo y decadencia de un ciclo", I Coloquio Venezolano de Historiografía Urbana, Caracas, 10 febrero 2004, xerog.
- _____, "La aldea en la ciudad. Ecos urbanos de un debate antropológico" in *Revista de Antropología*, N.1, Córdoba, Museo de antropología, FFyH-UNC, oct., 2008.
- JACKSON, Luiz Carlos, *A tradição esquecida. Os Parceiros do Rio Bonito e a sociologia de Antonio Candido*. Belo Horizonte/ São Paulo: Ed. UFMG/ Fapesp, 2002.
- HAINES, Gerald K. *The Americanization of Brazil: a Study of U.S. Cold War Diplomacy in the Third World, 1945-1954*. Wilmington: SR Books, 1989.
- MAIER, Joseph e WEATHERHEAD, Richard W., *Frank Tannenbaum. A biographical essay*. New York: University Seminars, Columbia University, 1974.
- MAGNANI, José, "O campo da antropologia", in PASSOS, Maria Lucia Perrone (org.), *Cadernos de História de São Paulo: "Os campos do conhecimento e o conhecimento da cidade"*, No.1, São Paulo: Museu Paulista da USP, 1992.
- MELLO, João Manuel Cardoso de e NOVAIS, Fernando, *Capitalismo tardio e sociabilidade moderna* in SCHWARCZ, Lília (org.), *História da vida privada no Brasil*, V. 4, São Paulo, Cia. das Letras, 1998.
- MEHY, José Carlos Sebe Bom. *A colônia brasilianista (História Oral de Vida Acadêmica)*, São Paulo: Nova Stella, 1990.
- MINAR, David e GREER, Scott. *The concept of community. Readings with interpretation*. Chicago: Aldene Publishing Co., 1968.
- MIRANDA, Olavo, *Vida e obra de Ferdinand Tönnies*. São Paulo: FFLCH USP, 1995.
- MORSE, Richard. "São Paulo: The Early Years", M. A., Graduate School of Arts and Sciences of Columbia University, 1947.
- _____, "São Paulo Under the Empire (1822-1889)", Ph.D., Faculty of Political Science of Columbia University, 1952.

- _____, *De comunidade à metrópole: biografia de São Paulo*. São Paulo: Comissão IV Centenário, Serviço de comemorações culturais, 1954.
- _____, *From community to metropolis. A biography of Sao Paulo*. Gainesville: University of Florida Press, 1958.
- _____, *Formação histórica de São Paulo: de comunidade à metrópole*. São Paulo: Difel, 1970.
- MUMFORD, Lewis, *A cultura das cidades* (1938), Belo Horizonte: Itatiaia, 1961.
- NISBIT, Robert, "Comunidade" in FORACCHI, Marialice e MARTINS, José de Souza (orgs.), *Sociologia e Sociedade. Leituras de Introdução à Sociologia*. São Paulo: Editora LTC, 1977, pp.203-233.
- NOVAIS, Fernando, "Capistrano de Abreu na historiografia brasileira" in *Aproximações. Estudos de história e historiografia*. São Paulo: Cosac Naify, 2005, pp.313-6.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. "O campo da arquitetura e urbanismo", in PASSOS, Maria Lucia Perrone (org.), *Cadernos de História de São Paulo: "Os campos do conhecimento e o conhecimento da cidade"*, No. 1, São Paulo: Museu Paulista da USP, 1992.
- SCHORSKE, Carl, *Viena fin-de-siècle. Política e Cultura* (1961), São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- SERT, J. L., LEGER, Fernand, GIEDION, Sigfried, "Nueve puntos sobre Monumentalidad. Necesidad humana" in GIEDION, Sigfried, *Arquitectura y comunidad* (1956), Buenos Aires, Ed. Nueva Visión, 1963.
- STAVE, Bruce M. (ed.), *The Making of Urban History: Historiography Through Oral History*. Beverly Hills: Sage, 1977.
- TOTA, Antonio Pedro, *Imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*, 2000.
- WILLIAMS, Raymond, "Comunidade" in *Palavras-chave. Um vocabulário de cultura e sociedade* (1976), São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.
- WOJTOWICZ, Robert, "Book Reviews: Donald L. Miller, *Lewis Mumford: a Life* (New York: Weidenfeld & Nicolson, 1989)" in *The Journal of the Society of Architectural Historians*, Vol. 49, No. 3 (Sep., 1990), pp. 351-352 (<http://www.jstor.org/stable/990535>).
- WOOD, Bryce. *The Making of the Good Neighbor Policy*, Nova York: Columbia University Press, 1961.